

famílias têm dificuldade para acompanhá-los e visitá-los. Outros vêm de outros estados para o tratamento e não têm parentes e amigos próximos. As condições de saúde são as mais diversas. “Em cada andar, há uma especialidade. Tem diferentes tipos de cirurgia, cardíacos, câncer, e a gente se depara com muitas pessoas com um membro amputado. A maioria é muito carente”, explicam.

Ubuntu

O **Correio** acompanhou de perto um dia de trabalho do grupo de contação de histórias para entender como funciona, de fato, a ação das voluntárias. Naquele momento, o grupo ensaiava a lenda africana *Ubuntu*, que significa, na cultura Zulu e Xhosa, “eu só existo porque nós existimos” ou “eu sou porque nós somos”.

A lenda conta que, certa vez, um antropólogo visitou uma comunidade africana e propôs uma brincadeira às crianças que viviam ali: quem chegasse primeiro em determinado ponto, receberia toda a recompensa. Quando o sinal tocou, os pequeninos deram as mãos e chegaram juntos ao destino, dividindo tudo igualmente entre eles.

Após ouvir a história, um dos pacientes, Eumir Pereira da Silva, 63 anos, que veio de Bom Jesus da Lapa, interior da Bahia, para fazer um tratamento no HBDF, ficou muito emocionado. “Essas histórias preenchem, a gente desabafa um pouco. Estou prestes a fazer uma cirurgia pesada, e não é fácil. Então, a gente tem que se apegar a Deus e ao amor. Por pior que seja, a gente recebendo amor, amanhã ou depois a gente vai procurar alguém para dar”, compartilha. Ele agradeceu a visita e o apoio de todos e, em seguida, saiu do quarto otimista para um exame pré-operatório.

Depoimentos

Há dois meses na enfermaria, Madalena Camargo de Carvalho, 77 anos, veio de Patos de Minas para Brasília, aos 14 anos, e hoje mora em Taguatinga. Ela frequenta o HBDF há dois anos e, recentemente, teve de ser internada para realizar um procedimento cirúrgico. “O dia a dia está sendo difícil. Depois da cirurgia, é a pior fase, a gente fica mais debilitado. Mas, quando elas chegam, melhora muito, são alegres”, diz. A paciente está sendo acompanhada

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Coordenadoras com o goiano Silvio Chedid, 72 anos, que se prepara para uma cirurgia cardíaca

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



Quando o paciente fica mais alegre e motivado, a gente percebe que o sistema imunológico começa a reagir”

Guilherme Porfírio,
superintendente do Hospital de Base do DF

pela cuidadora e pelo neto, Caio Carvalho de Moura, 23, que acredita que “o bom humor e a perseverança são pontos cruciais” para o sucesso do tratamento.

O goiano Silvio Chedid, 72 anos, está na enfermaria há cerca de 12 dias para monitoramento cardíaco e também acompanha o trabalho das voluntárias. “Na luta da vida, no dia a dia, você vai esquecendo de muita coisa. Às vezes, são

princípios pequenos que você deixa de lado. E viver num ambiente desses, numa condição melhor, você se vê até privilegiado em relação aos outros, como nosso amigo ali, que tem que fazer transplante. Você está no ambiente hospitalar, vê gente sofrer, então esses poucos minutos de descontração ajudam muito.”

Silvio recebeu a visita dos filhos, Frederico, 28, e Guilherme, 20, que se preparam

Eduardo Vanuncio



Estar vinculada a essa instituição, onde trabalhei minha vida inteira, é muito gratificante. A gente se realiza”

Maria Oneide,
Presidente da AAHB

para a cirurgia do pai. “Quando você está no pré-operatório, tudo é muito tenso. Então, uma distração, um ambiente de alegria, é muito bom e acaba revertendo para a questão física e emocional, que ficam mais tranquilos”, defende Frederico. “Eu acredito que tenha muita gente que não recebe visitas, e isso pode incluir mais as pessoas. O social é importante também”, complementou o caçula.

A associação

Além de terapêutica, a prática tem um importante papel social, num contexto em que 77% dos brasileiros não têm assistência médica privada. O superintendente do HBDF, Guilherme Porfírio, destaca a relevância do projeto para a saúde pública. “Quando o paciente fica mais alegre e motivado, é quando o sistema imunológico começa a reagir, e, com isso, ele pode ir para casa mais rápido. Se eu diminuo o tempo médio de permanência de um paciente internado, eu vou conseguir atender mais pessoas que precisam. Então, o trabalho que eles (voluntários) fazem aqui é fantástico.”

A rede de serviço social do hospital acompanha os pacientes internados e identifica os que precisam de suporte para, então, acionar a entidade. “É um fluxo bem profissional, o serviço social que faz esse encaminhamento. Quando os casos chegam, a gente já sabe que é realmente um paciente carente, que houve um estudo social da vida dele”, explica a presidente da associação, Maria Oneide, que participa dos trabalhos desde a adolescência e assinou a ata de fundação da organização.

A AAHB foi desenvolvida por gestores, colaboradores e membros da sociedade civil em setembro de 1998 e hoje conta com 61 voluntários ao todo. Além das visitas especiais das contadoras, são oferecidas sessões de reiki, apresentações musicais e apoio assistencial a pacientes carentes, fornecendo gratuitamente roupas, cobertores, medicamentos, cestas básicas, muletas, cadeiras de rodas, kits de higiene, transporte e mais. O trabalho é possível graças às contribuições — de itens, de dinheiro e do precioso tempo de cada um.

Como ajudar

A AAHB funciona 100% à base de doações e das vendas do bazar. Os interessados em ajudar podem ir presencialmente à sede da Associação Amigos, no estacionamento interno do Hospital de Base, no centro de Brasília, ou entrar em contato pelo Instagram @assocamigosdohospitaldebase. “Seja você também um voluntário, estamos sempre precisando de mão de obra. A associação é isso: são amigos do hospital que estão aqui para doar amor, abraços e sorrisos. Estamos esperando por você”, convoca Maria Oneide.